

O NEGRO NA LITERATURA DE CORDEL

Franklin Maxado*

RESUMO – *O cidadão de origem negra no Brasil tem geralmente uma posição econômica desfavorável, o que resulta em piores condições de educação, de saúde, de habitação, enfim, de vida. Essas características, por sua vez, contribuem para a sua discriminação na sociedade. Deve-se ressaltar que o negro chegou ao Brasil como escravo. Logo, não veio porque quis. Foi trazido à força pelos colonizadores lusitanos e aqui, mesmo com a Independência e a Abolição, continua marginalizado. Este artigo trata de como ele é visto na Literatura de Cordel, que é a literatura popular do brasileiro. Mostra como ele é escamoteado e como o preconceito está arraigado na alma do povo e até no inconsciente coletivo de muitos negros e mulatos.*

ABSTRACT – *Black origin citizen in Brazil has, in general, an uncomfortable economical position, that causes him to live under bad conditions in education, health, shelter and in life as a whole. These characteristics, by themselves contribute to black peoples discrimination in society. It must be said that black people arrived in Brazil as slaves. They did not come spontaneously. They came forced by the Portuguese settlers and today, despite of Brazilian political independence and the Abolition movement they continue to be discriminated in our society. This article shows the way black people are considered in Brazilian popular literature. It also shows the way they are filched and that the prejudice is deep rooted in the people soul and in the collective mind of many black people and mulattoes.*

A Literatura de Cordel é um fenômeno posterior à invenção da Imprensa e dela decorre. Essa possibilidade de publicação em quantidade de canções, romances, lendas, contos e outros tipos de literatura oral, tão chegada ao gosto popular dos europeus daquela época, gerou os livretos ou folhetos. Estes eram vendidos em feiras e em locais públicos, geralmente dependurados ou cavalgando barbantes, daí a denominação, pois cordel é uma palavra galega que significa cordão.

Ora, a Galícia sempre ligou-se culturalmente a Portugal. Seus trovadores famosos são estudados como galaico-portugueses. Esses cantadores foram decorrentes das tradições árabes introduzidas na Península Ibérica, quando a dominaram por vários séculos. Ali, tinham estado os seus prolixos e meticulosos *medajs* para cantar em praças públicas, às vezes acompanhados por instrumentos musicais, como, adufes, castanholas e alaúdes. Tinham também os seus *alatychs*. E os *muezins*, com seus cantos dolentes, convidando os fiéis para as preces diárias para seu deus Alá.

* Franklin Maxado é autor de *O que é literatura de Cordel?* e de outros ensaios, além de livros de poemas, como, *Profissão de Poeta* e *Negramafricamente*.

Esses *medajs* árabes influenciaram também os negros africanos, na própria África, onde havia os aquipalôs, que eram mais decoradores de histórias e de lendas, e os griotes que eram cantadores profissionais. Todavia, na África, ainda havia os babalaôs, sábios ligados às questões religiosas. Por todos eles, muitas das estórias e feitos lendários de africanos puderam ser mais conservados na América, para onde foram levados como escravos.

Os colonizadores europeus da América, notadamente os portugueses e os espanhóis, já vieram influenciados pelo estilo da vida dos árabes. Já tiveram contato com a escravidão dos negros, explorada antes pelos árabes. Os negros, para os árabes, eram infiéis, por não professarem o Islamismo e aceitos, quando se convertiam. O tipo de estrutura sócio-econômica dos árabes privilegiara os chefes, ficando os mais pobres submissos e explorados. Isso no meio dos irmãos árabes, quanto mais com outros homens de outras raças e religiões.

Na América, os europeus trouxeram os folhetos de cordel em sua bagagem, para lerem nas horas de lazer. Também suas bíblias e sacerdotes católicos. No Brasil, a catequese procurava converter índios, adaptando suas lendas e seus deuses para a doutrinação católica. O jesuíta José de Anchieta nisso foi mestre. Além de poeta, escreveu peças de teatro para doutrinar os indígenas, apropriando-se do "Jurupari", uma espécie de Diabo daqueles indígenas, para lhe dar as cores do Diabo católico.

E esse Diabo católico medieval era negro e horroroso!

Aliás, muitos doutores da Igreja discutiam se o negro e o índio eram gente e se tinham alma. De qualquer forma, davam os negros como descendentes de Cam. No entendimento popular, isso soava como ser filho do Cão. E foi essa catequese que formou secularmente o espírito do brasileiro.

Com a introdução de escravos na Colônia, o negro africano era considerado animal irracional. E, quando o escravo era fugitivo ou enfrentava feitores e patrões, era "um diabo". Como foram os casos de Rio Negro, cangaceiro e cantador de viola. Atacava rinchando como jumento. E de Lucas da Feira de Santana, considerado "o Demônio Negro" pelo seu próprio biógrafo, o escritor negro Sabino de Campos. Sua religião fetichista do Candomblé, não muito compreendida pelos brancos, era tida como "coisa do Diabo". E a entidade Exu era confundida com o Diabo, pela falsa lógica de que, se os negros o cultuam, são adoradores do Diabo.

Geralmente, a sacerdotisa do Candomblé era uma mulher. Representava a mãe África para os apartados e desterrados negros escravos. Como mãe de santo, ela sabia os segredos das comidas, da religião, das lendas e da história oral. Era um elemento de identificação cultural. A isso é atribuído a formação do preconceito de ser feiticeira e fazedora do mal.

A mulher negra na América exerceu também muito a função da contadora de estórias. Como ama de leite, babá de "sinhorzinhos" e mucama de confiança, ela assumia um papel, entretendo as crianças com as estórias de bichos, de encantamento, de fadas, chegando até a contar romances ou xácaras de amor, de feitos guerreiros ou gestas. Muitas se profissionalizaram, indo de engenho em engenho,

fazenda a fazenda, ensinando cantigas de trabalho, cânticos religiosos e esses contos e romances.

Os negros também gostavam muito da dança com música, tocada mais com instrumentos de percussão. No Brasil, eles faziam muito batuque e lundus nas folgas da senzala. E, nessas rodas de capoeira e de dança, improvisavam versos.

Além dos escravos negros, os colonizadores traziam, em suas bagagens, gestas, canções tradicionais, romances, xácaras manuscritas, apesar da imprensa já ter sido introduzida em 1497, em Portugal. Eram poemas ou canções épico-narrativas de feitos de cavalaria, louvores da beleza e finura das damas e donzelas, dos poderes de Deus, tão difundidos pelos trovadores galegos e cruzados nórdicos a caminho da África e do Oriente.

Na Metrópole, os cantadores já haviam evoluído para um cantar em desafio, ou em parrelha, com a desgarrada. Esta são quadras improvisadas por dois cantadores. A tradição da desgarrada veio diretamente dos árabes, dos *torneyaments*, ou tensões dos galegos.

Desse cadinho de influências e de culturas, geraram lendas brasileiras, que hoje fazem parte do nosso Folclore. Nelas, a figura do Diabo é sempre um negro de olhos vermelhos. Decorrente dela, o Saci Pererê, uma das nossas mais difundidas lendas, é um pretinho duma perna só que faz diabruras. E muitos achavam que o negro era quase igual ao macaco.

O preconceito contra o negro foi estimulado por essa visão do diabo católico medieval. E isso foi difundido no seio popular, fermentando o preconceito racial, criando um estereótipo para o negro, o qual foi passado para a literatura erudita.

O escritor Teófilo de Queirós Júnior estudou esse preconceito na literatura erudita brasileira, onde a mulata é sempre uma mulher sensual e sem freios morais para se entregar ao branco rico, a fim de ascender de classe social ou branquear sua pele. Castro Alves, talvez, seja o único a tratar o negro com dignidade nessa época.

Ainda entre as lendas, temos a do Negrinho do Pastoreio, em que o negro sofre injustiças, mas é superior no seu comportamento. Ajuda aos seus algozes com dignidade. Muitos cultuam o Negrinho até como santo. Outro não é o sentido do culto aos "pretos velhos" da Umbanda. São ex-escravos que viraram guias de luzes, porque foram depurados espiritualmente pelos castigos sofridos na escravidão; sobrevivendo com sabedoria; com os conhecimentos sobre a medicina das plantas; e com os conselhos e filosofia de vida da Cabula.

Na Literatura de Cordel, refletindo o universo popular e sofrendo influências dos grandes escritores, não poderia ser diferente. Há sempre o preconceito contra o negro, como já acentuou Clovis Moura, em livro. Entretanto, hoje muitos autores procuram mostrar o negro por outro ângulo. Há também mitos negros, que são mais conscientes, contribuindo para a mudança do estereótipo.

O NEGRO NO CORDEL PROPRIAMENTE DITO

Os folcloristas dão como a primeira cantoria a peleja de Inácio da Catingueira

com Romano da Mãe D'água. Cantoria é o desafio de dois (ou, mais raramente, três) cantadores, duelando com versos improvisados ao som de um instrumento musical.

Inácio era um negro escravo no meio rural da Serra dos Teixeira, lá na Paraíba. Cantava com acompanhamento de pandeiro. Já Romano era mulato e tocava viola. Nos seus versos, se vangloriava de ser livre e vergastava Inácio por ser inferior, devido à sua condição de negro e de escravo.

Romano – Inácio eu estou ciente
Que tu és um negro ativo
Mas não estou satisfeito
Devo te ser positivo:
Me abate hoje em cantar
Com um negro que é cativo.

Ao que Inácio respondeu:
Na verdade, seu Romano
Eu sou negro confiado
Eu negro e o sinhô branco
Da cor de café torrado
Seu avô veio ao Brasil
Prá ser negociado.

Há várias versões, como as estudou Luiz Nunes.

A peleja é lendária. Dizem que durou oito dias e noites, em 1879. Uns alardearam que Inácio ganhou. Os adeptos de Romano acharam que foi seu mestre. O certo é que essa peleja deu as bases técnicas das cantorias posteriores.

Até hoje, muitos cantadores não gostam e se recusam a pelejar com colegas negros ou com mulheres. O preconceito era mais difundido antigamente. Hoje, a desculpa não é assim tão direta. Que o digam nossos atuais maiores cantadores: o negro Bule-Bule e o Caboquinho da Bahia.

Esses cantadores acham que ficam com uma fama negativa, se perdem para um cantor negro. E também para uma mulher.

Aliás, mulher cantadeira há poucas. Muitas eram de vida livre. A história registra algumas, sendo que delas, muitas eram de cor escura. Uma dessas cantadeiras foi a escura Xica Barroso (Francisca Maria da Conceição), paraibana que morreu assassinada a cacete e a faca durante uma cantoria, depois de beber e dizer inconveniências.

Muitos cantadores negros existiram e ainda existem. Tivemos Preto Limão, Manuel Caetano, entre outros, como expoentes da cantoria, segundo Câmara Cascudo. Na Bahia, atualmente, temos Gavião, Leandro Tranquilino e Bule-Bule (Antônio Ribeiro da Conceição). Como poetas de bancada ou de folhetos, temos muitos também na Bahia. Atualmente, Minelvino Francisco dos Santos, baiano, é considerado um dos melhores do país. Outro, é Valeriano Félix dos Santos. Ainda temos Alípio Bispo dos Santos e os mestiços José Rodrigues, Antônio Alves dos

Santos, Erotildes Miranda dos Santos, Jussandir Raimundo de Souza e Cuíca de Santo Amaro (José Gomes).

Inúmeros outros nomes poderíamos citar pelo Brasil afora, o que daria uma grande extensão a este despretenso artigo.

Preferimos, para finalizar, comentar os folhetos clássicos de Literatura de Cordel, onde o preconceito contra o negro aparece de maneira clara. Devemos esclarecer que são folhetos antigos e que a moderna Literatura de Cordel, como reflexo da mentalidade popular, vem transformando esses preconceitos. Já atualmente, temos folhetos defendendo o negro e até cantando temas negros. Rodolfo Coelho Cavalcante mesmo, que era branco, contou a luta de Castro Alves em defesa dos escravos e escreveu um folheto "O Valor da Raça Negra", após nós termos lançado o folheto "O Negro também É Gente".

Começamos pela célebre "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho de Tucum", que não existiu, simplesmente por não ter existido este último cantador. A peleja foi criada pelo poeta Firmino Teixeira do Amaral, que era cunhado de Aderaldo. Entretanto, ali está muito claro o estereótipo do negro. Cego Aderaldo, um grande cantador cearense, um dia topa com um negro cantador. O cego aperta-o em conhecimentos, em trava-língua e outras armadilhas para poder ganhar o duelo. O negro Zé Pretinho se sai com maestria, até o momento em que se enrola no trava-língua de "Quem a paca cara compra - paca cara pagará". Fica envergonhado e desaparece e aí o Cego Aderaldo (Firmino Teixeira do Amaral), diz:

Me desculpe, Zé Pretinho
Se não cantei a teu gosto
Negro não tem pé, tem gancho
Tem cara mas não tem rosto
Negro na sala dos brancos
Só serve prá dar desgosto.

Outro não é destino de cantador negro (que é fictício) criado pelo poeta Leandro Gomes de Barros, no folheto Peleja de Manoel Riachão com o Diabo. Este negro cantador também se sai de todas as armadilhas feitas pelo contendor. Quando este vê que o colega tinha todas as artes, chama pelo nome de Jesus e, em seguida, o cantador negro desconhecido dá um estrondo, deixa um cheiro forte de enxofre no ar e desaparece.

O negro olhou Riachão
Com os olhos de cão danado
Riachão gritou - Jesus
Homem Deus Sacramentado
Valha-me a Virgem Maria
A mão do Verbo Encarnado.

Mais outro sentimento idêntico é o de João Martins de Athayde, quando no folheto "O Retirante" discrimina:

Além do sol quente
Vem o cão de um negro,
Da cor de um morcego,
Perturbando a gente,
Nunca vi um ente,
Como o negro é,
Eu disse com fé,
Quer ver meu carimbo?
Toque no cachimbo
De minha muié.

Associando sempre a cor da pele com o Diabo, não é outra a idéia da "Malassombrada Peleja de Francisco Sales com o Negro Visão", de autoria de Francisco Sales Areda.

No clássico "Estória do Valente Sertanejo Zé Garcia", de João Melquíades Ferreira, o negro já deriva para feiteiro.

Meu pai governa aqui
Um bando de cangaceiro
E possui vinte fazendas
É orgulhoso em dinheiro
Tem um negro que adivinha
É macumba e feiteiro.

A imagem vem, naturalmente de negro Zé Baiano, ferrador de moças do cabelo curto, e que era um dos braços fortes do cangaceiro Lampião. Ou então do negro Pajeú, um dos generais mais valentes de Antônio Conselheiro, em Canudos.

Essa tradição de cometer perversidades e de intimidades com o Diabo está presente nos folhetos de Antônio Alves da Silva "O Valente João Corta-Braço e o Negrão Endiabrado", em "O Encontro do Negrão com o Monstro do Rio Negro", de Manoel Caboclo e Silva. Ou "O Negrão do Paraná e o Seringueiro do Norte", de Francisco Sales Areda.

Outros folhetos associam a figura do negro à feitiçaria e coisas ruins, como "A Negra Dum Peito Só", de José Costa Leite e -, "A Negra Macumbeira", de Rodolfo Cavalcante, "A Vitória de Floriano e a Negra Feiteira", de Manoel D'Almeida Filho. Ou "A Chegada de Lampião no Inferno", de José Pacheco da Rocha.

A vida do quilombola Lucas da Feira ensejou a Souza Velho escrever um dos abecês que se tornou clássico. Outros folhetos de Cordel Ihe seguiram, como o de Erotildes Miranda dos Santos, "Quem Era Lucas da Feira" e de João Ferreira da Silva, "História de Lucas da Feira". Embora escritos recentemente, não mudam o conceito

antigo sobre o negro.

Negro doido e danado
Tudo igual a Satanaz
Cada um tinha no corpo
Marcas descomunais
Dos ferros e dos chicotes
Das mãos do feitor voraz.

(João Ferreira da Silva)

Seria exaustivo ficar aqui comentando os inúmeros folhetos que tratam depreciativamente do negro, notadamente os mais antigos. Devo afirmar que tal conceito está mudando, fruto das conquistas sociais dos negros, não só no Brasil, como no mundo.

Nós mesmos, como poetas de Cordel, já escrevemos "Rei Zumbi, o Herói do Quilombos dos Palmares", entre outros, que mostram o negro como herói e não só um tipo mandigueiro, serviçal, bruto, inculto ou inferior.

Nada humano é estático. A Literatura de Cordel está atuando, tentando sobreviver no Brasil, adaptando-se às novas linguagens de informática e da televisão. Também muda o seu conceito sobre a raça negra, como a sociedade brasileira em geral, resgatando o valor humano e universal do negro brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Átila Augusto F. de, ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia da UFPb. 1978, 2 v.
- BAROJA, Júlio Caro. *Ensayo sobre la literatura de cordel*. Madrid: Eddicciones de 1ª Revista Occidente, 1969.
- BENJAMIM, Roberto E. C. *Tendências atuais da literatura de cordel no Nordeste*. Recife, UFPE, 1981.
- BORGES, Francisca N. Faechine. *Encarnações do diabo em folhetos e obras nordestinas*. Cadernos de Letras, João Pessoa. 3, UFPb, 1978.
- CAMPOS, Sabino de. *Lucas, o demônio negro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1957.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- _____. *Vaqueiros e Cantadores*. Porto Alegre. O Globo, 1939.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- Fundação Casa de Rui Barbosa. *Literatura popular em verso: antologia*. Rio de Janeiro: 1964. t. 1; 1976. t. 2.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Análise do conteúdo da literatura de cordel: presença dos valores religiosos*. São Paulo, 1972.
- LUYTEN, Joseph Maria. *Literatura de cordel, tradição e atualidade*. In: *Romance desastroso de Josiano e Mariana ou a gesta do boi menino*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

- LUYTEN, Joseph Maria. *A literatura de Cordel em São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1981.
- MOTA, Leonardo. *Cantadores, Fortaleza*: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.
- MOURA, Clóvis. *O Preconceito de cor na literatura de cordel*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.
- PONTES, Mário. *A presença demoníaca na poesia popular do Nordeste*. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, n. 34, 1972.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Ideologia do Cordel*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Território da danação*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.
- TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1974.